



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 04/08/2023 a 10/08/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

urante **ENDEREÇO:** RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
04/08/2023	14,44	444,10	68,00	6,33	4,84
07/08/2023	14,14	446,20	66,66	6,57	4,82
08/08/2023	14,30	433,20	66,58	6,56	4,85
09/08/2023	14,31	426,30	66,79	6,35	4,81
10/08/2023	14,12	429,60	66,60	6,37	4,83
Média	14,26	435,88	66,93	6,44	4,83

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	137,00	
RS – Não Me Toque	137,00	
RS – Londrina	130,00	
PR – M.C.Rondon	130,00	
MT – C.N.Parecis	112,00	
MS – Maracaju	126,00	
GO - Rio Verde	113,00	
BA – L.E.Magalhães	126,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	59,00	CIF
Porto de Paranaguá	57,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	52,00	
SC – Rio do Sul	50,00	
PR – M.C.Rondon	44,50	
PR – Londrina	44,50	
MT – C.N.Parecis	36,00	
MS – Maracaju	39,00	
SP – Itapetininga	50,00	
SP – Campinas	54,00	CIF
GO – Rio Verde	39,00	
GO – Jataí	39,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	65,00	
RS – Não Me Toque	66,00	
PR – Londrina	66,00	
PR – M.C.Rondon	66,00	

Período: 09/08/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 10/08/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	53,21	138,62	66,39

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
10/08/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	86,28
Feijão (saco 60 Kg)	248,40
Sorgo (saco 60 Kg)	41,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,29
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,36**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,55

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Junho/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Diante da melhoria do clima nas regiões produtoras dos EUA, da assimilação das consequências do recrudescimento da guerra entre Rússia e Ucrânia, e das expectativas do novo relatório de oferta e demanda do USDA, a ser divulgado neste dia 11/08, as cotações da soja, em Chicago, voltaram a ceder.

O bushel da oleaginosa fechou a quinta-feira (10) em US\$ 14,12, após US\$ 14,28 uma semana antes. Destaque para os meses futuros, os quais voltaram à casa dos US\$ 13,00/bushel.

O novo relatório do USDA analisaremos, em detalhes, no próximo boletim. Enquanto isso, a qualidade das lavouras estadunidenses de soja melhorou, sendo que no dia 06/08 as lavouras entre boas a excelentes voltaram a atingir 54%, contra 59% um ano antes. Outras 32% estavam regulares e 14% entre ruins a muito ruins. Naquela data 90% das lavouras estavam em floração, contra 87% na média histórica para esta data. Já 66% das lavouras estavam na fase de formação de vagens, indicando que o restante de agosto e boa parte de setembro serão decisivos em termos climáticos.

Quanto ao comércio exterior de soja, por parte dos EUA, na semana encerrada em 03/08 aquele país embarcou 281.860 toneladas de soja, alcançando, em todo o atual ano comercial, o total de 50,8 milhões de toneladas, contra 54,6 milhões em igual período do ano anterior.

Enquanto isso, na China, as importações de soja, em julho, aumentaram quase 25% em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo dados da Alfândega chinesa. A China importou 9,7 milhões de toneladas de soja no mês passado, com um aumento de 23,5% em relação ao ano anterior. Com isso, nos primeiros sete meses do ano o país asiático importou 62,3 milhões de toneladas, 15% a mais do que no mesmo período do ano anterior. Forte demanda pelo farelo de soja e pelo óleo comestível estiveram na razão deste avanço. No caso do farelo, os criadores chineses de suínos atrasaram o abate dos animais devido aos baixos preços da carne suína, o que levou a um aumento na demanda por ração animal. Igualmente, a chegada de navios, após atrasos devido a uma colheita mais tardia da soja no Brasil, e a maior fiscalização alfandegária na China, contribuíram para o aumento das importações de julho. Vale destacar que as margens de esmagamento na China têm sido positivas desde meados de junho, com os trituradores, no principal centro de processamento de Rizhao, obtendo US\$ 38,51/tonelada de soja processada. Enfim, os preços do farelo de soja na China avançaram 23% desde o final de maio.

E aqui no Brasil os preços estabilizaram, com leve viés de alta em algumas praças, puxados especialmente pelo câmbio, que chegou a R\$ 4,90 em alguns momentos da semana. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 138,62/saco, enquanto as principais praças do Estado negociaram o produto a R\$ 137,00. Já nas demais regiões do país o preço da soja oscilou entre R\$ 112,00 e R\$ 130,00/saco.

É bom lembrar que o Brasil possui elevados estoques de soja e que a nova safra dos EUA entra no mercado a partir do final de setembro.

Dito isso, as exportações brasileiras de soja, em agosto, estão previstas para um volume entre 7 e 8,8 milhões de toneladas, contra 5 milhões embarcadas em agosto do ano passado. Porém, bem abaixo das máximas mensais, que chegaram a mais de 14 milhões de toneladas no primeiro semestre. Em isso ocorrendo, segundo a Anec, os embarques brasileiros de soja, nos primeiros oito meses do corrente ano, atingiriam a 81,8 milhões de toneladas, contra 77,8 milhões registrados em todo o ano de 2022. Para o corrente ano, a projeção da Anec é que o Brasil exporte 99 milhões de toneladas de grãos de soja, em função da safra recorde que tivemos e de uma demanda consistente, inclusive dos EUA e da Argentina, grandes produtores e exportadores, devido ao fato de os mesmos terem suas últimas safras prejudicadas pelo clima.

Ainda segundo a Anec, considerando todos os produtos (soja, milho, farelo de soja e trigo), as exportações do Brasil, em agosto, poderão atingir 19 milhões de toneladas, contra 13,6 milhões em agosto do ano passado e 16,8 milhões em julho.

Por outro lado, vale ainda destacar que a área semeada com soja, nesta última safra nacional, tendo chegado a 42 milhões de hectares (aumento de 6% sobre o ano anterior), o mercado de sementes de soja movimentou R\$ 24,5 bilhões, com alta de 18% sobre 2021/22. As sementes Bt chegaram a mais de 90% da área plantada, enquanto as RR ocuparam 8%. Frente ao período 2020/21, quando esse segmento negociou R\$ 15,6 bilhões, o crescimento acumulado chegou a 57%. Embora tecnologias Bt tenham ampliado espaço, o estudo revela também novo aumento na adoção de tratamentos com lagartidas. Estes produtos alcançaram quase 80% do plantio em áreas com biotecnologias Bt, contra cerca de 50% de cinco safras atrás. Os lagartidas, por sinal, corresponderam, em 2022/23, a 30%, ou seja R\$ 3,7 bilhões, do total de R\$ 12,2 bilhões do mercado de inseticidas. (cf. FarmTrak Soja 2022/23, Kynetec)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, ensaiaram um movimento de alta durante a semana, porém, o mesmo encontrou pouca sustentação. O fechamento desta quinta-feira (10) ficou em US\$ 4,83/bushel, contra US\$ 4,80 uma semana antes, considerando o primeiro mês cotado.

Os motivos dos movimentos do milho, em Chicago, são os mesmos da soja, especialmente quanto a expectativa pelo relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 11/08 e que iremos comentar com detalhes em nosso próximo boletim.

Além disso, o percentual de lavouras boas a excelentes, nos EUA, também melhorou, passando para 57%, contra 58% na mesma data (06/08) no ano passado. 93% das lavouras estadunidenses de milho estavam em fase de embonecamento naquela data, enquanto 47% estavam na fase de enchimento de grãos. Também aqui o clima, nos próximos 45 dias, será decisivo.

Já pelo lado dos embarques de milho, na semana encerrada em 03/08 os EUA teriam atingido a 376.620 toneladas, ficando dentro da expectativa mínima do mercado. Com

esse volume, o atual ano comercial chega a um total de 35,2 milhões de toneladas exportadas, contra 52,5 milhões no mesmo período do ano anterior.

E no mercado brasileiro, os preços do cereal se mantiveram relativamente estáveis, com leve viés de alta em algumas regiões. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 53,21/saco, enquanto as principais praças estaduais trabalharam com R\$ 52,00. Já nas demais regiões do país, os preços oscilaram entre R\$ 36,00 e R\$ 50,00/saco, em termos médios.

Diante do pico da colheita recorde da safrinha de milho, os compradores continuam aguardando preços mais baixos, comprando somente “da mão para a boca”, ou seja, pequenos volumes, dentro do necessário. Para se ter uma ideia, na semana passada o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Campinas–SP) operou nos menores patamares nominais de preço do milho, desde agosto de 2020.

Dito isso, a colheita da safrinha do cereal chegou a 64% da área no dia 03/08, contra 80% um ano antes, na mesma data. E à medida em que a colheita avança se constata maior potencial de produção final. Agora, já se avança uma colheita da segunda safra em 105,6 milhões de toneladas, o que levaria a produção total brasileira de milho (as três safras somadas) a 135,4 milhões de toneladas. (cf. AgRural) Em se confirmando tal quadro, não há como esperar que os preços do milho subam nos próximos meses aqui no Brasil, salvo algo excepcional.

Por outro lado, no que diz respeito às exportações, o Brasil registrou um volume de 1,32 milhão de toneladas na primeira semana de agosto. Isso representa 17,7% do total exportado pelo país em todo o mês de agosto de 2022. A média diária, por enquanto, estava em 1,8% acima na comparação com o mesmo período do ano anterior. (cf. Secex)

A expectativa do mercado continua sendo de que o Brasil exporte entre 50 e 52 milhões de toneladas do cereal no ano compreendido entre março/23 a fevereiro/24. (cf. Céleres Consultoria)

Por sua vez, a Conab indicou que a safrinha, na semana passada, estaria colhida em 64,3% da área total de milho, sendo no Mato Grosso (95,2%), Tocantins (92%), Piauí (80%), Maranhão (75%), Goiás (68%), Minas Gerais (47%), Mato Grosso do Sul (20%), Paraná (17%) e São Paulo (7%).

Neste sentido, o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) divulgou que a área semeada com milho, no Estado do Mato Grosso, para a safra 2022/23, teve aumento de 4,83% sobre o ano anterior, e ficou em 7,49 milhões de hectares, número 1,01% maior do que a última estimativa de julho. A produtividade média passou a 113,52 sacos/hectare, e a produção final podendo alcançar 51 milhões de toneladas. Quanto à comercialização do milho, até o dia 07/08 o Mato Grosso havia vendido 58,5% de sua safra do cereal, com um preço médio recuando 4,6% em relação a junho, ao atingir R\$ 34,40/saco.

Já no Paraná, o Deral apontou que a colheita de milho, nesta semana, chegou a 28% da área total, sendo que o restante estava com 87% em maturação e 13% em frutificação. Havia somente 2% das lavouras em situação ruim.

Enfim, no Mato Grosso do Sul, segundo a Famasul, o preço do milho recuou 3,45% na semana entre 31/07 e 07/08, ficando em R\$ 38,50/saco. Com isso, o recuo anual no preço do milho, naquele Estado, é de 41,8%. Para comparação, o preço médio do milho gaúcho, no mesmo período, recuou 34,6%, porém, em um quadro de fortes perdas, mais uma vez, devido ao clima seco. Ou seja, proporcionalmente, em termos de renda bruta, as perdas são maiores no Rio Grande do Sul. Já a colheita da safrinha, no Mato Grosso do Sul, chegava a 26,2% da área no dia 04/08, contra 42,8% na média histórica. Por enquanto, as estimativas mantêm a produção final daquele Estado em 11,2 milhões de toneladas de milho, ou seja, 12,3% abaixo do colhido no ano anterior.

E pelo lado das exportações brasileiras do cereal, espera-se vendas entre 7,8 e 9,8 milhões de toneladas para agosto. Se isso ocorrer, será o recorde histórico para o mês de agosto. Até agosto, os embarques brasileiros totais estimados somariam 24,2 milhões de toneladas de milho. Com isso, para alcançar o total esperado para o ano, o país precisará exportar, nos próximos quatro meses, a média mensal de 7 milhões de toneladas de milho. (cf. Anec)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, subiram um pouco na semana, na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado neste dia 11/08. Com isso, o bushel do cereal fechou o dia 10 (quinta-feira) em US\$ 6,37, contra US\$ 6,27 uma semana antes.

Auxiliou para este movimento o recuo na qualidade das lavouras estadunidenses do trigo de primavera. As mesmas, no dia 06/08, apresentavam-se com apenas 41% entre boas a excelentes, contra 64% no ano passado na mesma data. Cerca de 11% das mesmas havia sido colhido, contra 14% na média histórica. Já o trigo de inverno estava com 87% de sua área colhida, contra 88% na média histórica.

Quanto ao comércio externo de trigo, por parte dos EUA, 275.067 toneladas foram embarcadas na semana encerrada em 03/08, fato que leva o total, no atual ano comercial iniciado em 1º de junho, a 3,02 milhões de toneladas, contra 3,51 milhões em igual período do ano anterior.

Desde o dia 17/07, quando ocorreu o fim do acordo entre Rússia e Ucrânia a respeito do Corredor de Exportação do Mar Negro, a volatilidade do mercado internacional do trigo aumentou significativamente. Hoje, a tendência é de baixa porque o mercado entende que as rotas alternativas de exportação, criadas pela Ucrânia, serão suficientes para abastecer os destinos com a quantidade atualmente estimada de exportação do trigo deste país. (cf. hEDGEpoint Global Markets) Mesmo assim, é preciso muita cautela em relação a esta situação, pois em tempos de guerra tudo pode ocorrer e mudar rapidamente.

Por outro lado, a Índia informou a possibilidade crescente de importar trigo em 2023/24, o que pode reaquecer o mercado. O país indiano estaria considerando importar 9 milhões de toneladas de trigo russo, visando aumentar estoques internos do cereal. Isso porque há uma disparidade entre o governo e os moageiros locais sobre o volume da nova safra de trigo da Índia. O primeiro fala em 112,7 milhões de toneladas,

enquanto os moageiros avançam 101 a 103 milhões. Por sua vez, haveria um recuo nos estoques finais de trigo na Índia, com os mesmos saindo de 14 milhões para 8,5 milhões de toneladas em projeção. O fato é que, no mercado interno, o governo da Índia anuncia o fornecimento de 5 milhões de toneladas de trigo e 2,5 milhões de toneladas de arroz para grandes consumidores, como moinhos de farinha, buscando aumentar a oferta e estabilizar os preços internos. Pelo sim ou pelo não, em 1º de agosto os estoques de trigo na Índia ainda estavam em 28,3 milhões de toneladas, porém, há expectativa de alta dos preços internos. Tando é verdade que, no início deste mês, os preços do cereal chegaram ao máximo dos últimos seis meses naquele país. (cf. Reuters)

E no Brasil os preços ficaram estáveis, com a média gaúcha fechando em R\$ 66,39/saco, sendo que o norte do Estado negociava a R\$ 65,00. Já no Paraná o produto ficou estável em R\$ 66,00 nas principais praças locais.

Diante da iminência de uma nova safra cheia, e de estoques importantes ainda oriundos da última safra, os compradores brasileiros de trigo se fazem escassos e adquirindo o produto “da mão para a boca”, em poucos volumes. Lembrando que a colheita da nova safra começa no próximo mês, via o Paraná (neste momento menos de 1% da área local já teria iniciado a colheita). Com isso, é possível que os preços do cereal, no mercado brasileiro, recuem mais nos últimos três meses do ano e iniciem 2024 e um patamar bem mais baixo do que o início de 2023.

Tanto é verdade que estudos divulgados dão conta de que a margem dos produtores brasileiros de trigo poderá recuar mais de 50% na safra 2023/24. (cf. Consultoria Agro do Itaú BBA)